

STELLA

Revista Trimestral | Nº 692 | Ano LXXI | Outubro a Dezembro | 2018



**FÁTIMA LUGAR DE FÉ E DE ORAÇÃO PARA TODOS OS POVOS
CONFIAR NA IGREJA DE JESUS CRISTO AO JEITO DO P. FORMIGÃO
COM O PAPA FRANCISCO
SER SAMARITANA**

ÍNDICE STELLA

FICHA TÉCNICA

Fundador:
Padre Manuel Nunes Formigão

Editora e Proprietária:
Congregação das Irmãs Reparadoras
de Nossa Senhora de Fátima
www.reparadorasfatima.pt
Tel.: 249 539 240

Diretora:
Inez Vieira

Assessores de redação:
Ana Ferreira
Clara Marto
Nuno Prazeres
Rafael Marques

Redação e Administração:
Rua Francisco Marto, 203
2495 - 448 FÁTIMA - Portugal
Tel.: 249534767
E-mail: stellaredacao@gmail.com

Assinaturas:
Anual: 10 €
Amigo e Estrangeiro: 20,00 €
Pagamento Adiantado, no início do ano,
por vale, cheque ou transferência bancária:
SANTANDER TOTTA
Conta: 600047733 91
NIB: 0046 0257 00600047733 91
IBAN: PT50 0046 0257 00600047733 91
SWIFT / BIC: CRBNPTPL

EJ nº 212378 - Registo ERC 112380
ICS Depósito Legal nº 89333/95
NIF: 500835560

Design Gráfico:
Cátia Lopes de Freitas

Impressão:
Gráfica Almondina - Torres Novas
Tiragem: 2000 exemplares

Foto: Escultura do espaço dedicado ao P. Formigão

Com aprovação da autoridade eclesialística

Estatuto Editorial:
<http://www.reparadorasfatima.pt/revista-stella>



02 - 03 | Ficha técnica | Índice | Estatuto Editorial

Fátima, Stella Mundi

04 - 05 | Em Fátima, damos graças a Deus pela Santidade do Padre Formigão | Gertrudes Ferreira

06 - 07 | Nossa Senhora de Fátima transportada num novo Andor | Carmo Rodeia

08 - 09 | Nossa Senhora de Fátima vai ao Panamá | Carlos Cabecinhas

10 - 11 | O trigo que o homem semeou e colheu | Clara V.V.

Fé e Vida

12 - 13 | Com o Papa Francisco | Carlos Azevedo

14 - 15 | Os jovens, esperança da igreja | Manuel Saturino Gomes

16 - 17 | A família e o Papa Francisco | Isilda e Paulo Vieira

18 - 21 | Seguir Jesus de Nazaré | Inês Vieira

Padre Formigão, o Homem e a Obra

22 - 23 | A virtude do Pe Formigão (3) | Arnaldo Pinto Cardoso

24 - 27 | Manual de reparação | Pedro Valinho

Olhares da Stella

28 - 29 | Padre Formigão na comunicação social | Inês Vieira

30 - 31 | Acompanhar e animar a Fé no cárcere | Ana Rute Santos

32 - 33 | Ecos da peregrinação a Berlim | Maria do Carmo Frazão

34 - 35 | Publicidade



Amigos e amigas

A STELLA convidou a peregrinar através de algumas cidades da EUROPA, desafiou a sair da nossa TERRA. Um grupo aceitou e partimos. O imperativo de reencontrar a vida em lugares diferentes, falou mais alto e investiu-se numa nova experiência do tempo. Percorremos milhares de quilómetros e encontramos muita beleza e encanto, mas também sinais de dor e de destruição, de tudo o que a humanidade é capaz de realizar de bem, de perfeito e de bom, mas também de imoral, de destruição e guerra.

Reconhecemos que em todas as etapas da vida, o uso do pronome «nós» tem um elemento comum, que de forma brutal, se enunciou em contraposição aos «outros» num regime severo de exclusão e de morte. E isto construiu uma etapa na história do Centro da Europa, do modo como a conhecemos. Escutámos e vimos também os sinais, os gestos, as palavras de inclusão, de bondade, de perdão e misericórdia, que repetidamente, S. João Paulo II foi proclamando:

1. "A guerra é sempre uma derrota da humanidade."
2. "Não há verdadeira paz se não a que vem acompanhada de equidade, verdade, justiça e solidariedade."
3. "O futuro da humanidade passa pela família."

Hoje, está entre nós o Papa Francisco, que dá continuidade a estes conselhos, quando afirma que "antes de tudo, há a necessidade de instaurarmos uma cultura de diálogo, confiar mais na educação, nos processos longos que requerem planificação, paciência e coerência, reconstruindo o tecido da sociedade."

Esta edição da STELLA apresenta-nos o lugar dos grandes acontecimentos de fé e de oração de todos os Povos - Fátima. Mostra-nos que a Santidade do Padre Formigão é fruto da Fé e da confiança total na Igreja de Jesus Cristo que sempre amou. Revela-nos o modo como o Papa Francisco supera os problemas da Igreja e como manifesta a sua Força jovem com os mais jovens.

Aos amigos e amigas da nossa revista, uma palavra de agradecimento pela prontidão em regularizar as vossas assinaturas. Este vosso gesto feito com oportunidade ajuda-nos, sem dúvida, a servir melhor o objetivo da nossa querida STELLA. Muito obrigada pela vossa atenta colaboração.

Com muita esperança, até ao ano 2019!

MIV, RF

Em Fátima, damos graças a Deus, pela Santidade do P. Formigão

GERTRUDES FERREIRA



A Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima reuniu-se, em Fátima, com os Leigos Reparadores Associados e os «Mensageiros», para dar graças, pelo reconhecimento das virtudes heroicas do seu Fundador, Padre Manuel Formigão.

A Capelinha das Aparições foi o lugar privilegiado para iniciar a celebração jubilosa. A oração do rosário foi acompanhada pela meditação de pequenos trechos retirados dos escritos do Fundador, que convidavam os participantes a seguir o seu pensamento sobre o amor reparador à Mãe de Deus, a Senhora de Fátima.

A Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima foi pequena, para acolher as centenas de peregrinos que quiseram associar-se às Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima, na Eucaristia, pelo reconhecimento das virtudes heroicas do seu Fundador, Padre Manuel Formigão. A Eucaristia foi presidida pelo Cardeal D. António Marto e concelebrada pelo Nuncio Apostólico, Rino Passigato e pelo Bispo Emérito da Diocese, D. Serafim Ferreira e Silva, que no ano de 2001,



teve o múnus da abertura solene, do Processo Informativo Diocesano. Unidos nesta Causa, concelebraram ainda 23 Sacerdotes e o Sr. Reitor do Santuário, Padre Carlos Cabecinhas. O Bispo da diocese de Leiria-Fátima tinha recebido as insígnias cardinalícias, pela mão do Papa Francisco, no passado dia 28 de junho, em Roma, presidindo pela primeira vez em Fátima, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, como Cardeal. O novo Cardeal, dedicou grande parte da homilia a falar da santidade, “que é o rosto mais belo da igreja e deve ser, por isso, a condição normal de todo o cristão”, lembrou o exemplo de amor “terno e constante” votado pelo Cónego Formigão à Virgem, que se fez presente aos pastorinhos, e através do seu sim “transformou Fátima numa escola do «sim» a Deus”. E afirmou que “a santidade de Maria, Senhora das Bem-aventuranças, moldou com toda a certeza a espiritualidade da vida sacerdotal do Padre Formigão e as suas virtudes heroicas, agora reconhecidas”. Rezou, pedindo a intercessão dos Santos Pastorinhos e de Nossa Senhora, “para que em breve, o Cónego Formigão seja colocado nos altares da Igreja”. Disse ainda o Prelado: “Deixemos pois, ressoar em nossos corações as palavras do Cardeal D. António Ribeiro, a propósito do Cónego Formigão que, pelo exemplo da sua vida pode servir-nos de modelo, de luz e de companheiro amigo

[Fotos_SF; Stella]



no caminho da santidade”, sublinhou que a santidade “é simples, está ao alcance de todos e não está reservada às elites. A santidade concretiza-se no dia a dia do quotidiano, na vida ordinária de cada dia e onde cada um se encontra, porventura desde o canto da cozinha, onde se prepara o alimento para toda a família, até aos campos de futebol onde nos divertimos, aos lugares de sofrimento, como os hospitais onde nos assistimos uns aos outros, até ao Parlamento, onde se trata do bem comum do país. Tudo pode ser lugar de santidade”. O Movimento da Mensagem de Fátima (Mensagemeiros) escolheu também este sábado para a peregrinação nacional à Cova da Iria, tendo como objetivo associar-se às Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima, na homenagem ao Padre Manuel Formigão. Realizaram ao longo deste dia celebrativo a Assembleia-Geral do Movimento, com o cunho muito particular de agradecer, pois foi o Padre Formigão que em 1926 fundou a Associação de Nossa Senhora do Rosário, na qual tem origem o atual Movimento da Mensagem de Fátima.

Durante a tarde, o Santuário acolheu uma Cantata, na Basílica da Santíssima Trindade “«As maravilhas de Fátima», o Apóstolo de Fátima, o Padre Formigão”, apresentado pela terceira vez, aqui em Fátima, mas sempre em espaços e

contextos diferentes. A Cantata é da autoria do Pe António Cartageno e foi executada pelo coro e orquestra do Conservatório de Ourém-Fátima, inspirada no Apóstolo de Fátima, Padre Manuel Formigão. A Basílica estava cheia e todos viveram este momento com júbilo, alegria e em ação de graças pela vida de santidade deste padre, grande e fiel arauto das maravilhas de Fátima.

O Reitor do Santuário, Rev. Padre Cabecinhas, no final da Cantata, dirigiu-se a todos e de um modo especial aos «Mensagemeiros», desafiando-os a inspirarem-se no modelo de santidade do Padre Manuel Formigão e, também, a aceitarem “o desafio permanente de serem apóstolos da Mensagem de Fátima percorrendo um caminho de santidade”.

No final, os aplausos foram intensos e prolongados, e ouviram-se comentários que expressavam alegria pela riqueza da mensagem da Cantata e pela exibição perfeita da Orquestra e de todos os atores, incluindo as três crianças (os pastoresinhos). Depois dos agradecimentos, saímos para a vida com o coração encantado pela beleza que se contemplou ao longo dos oitenta minutos, dentro daquele espaço maravilhoso e emblemático do Santuário de Fátima.

Gertrudes Duarte Ferreira, RF
Vice-Postuladora da Causa do Fundador

Nossa Senhora de Fátima transportada num novo andor

CARMO RODEIA



O novo andor da Imagem de Nossa Senhora de Fátima é um dos mais recentes trabalhos do Santuário e foi concebido pela artista plástica Sílvia Patrício e pelo Arquitecto Eusébio Calvário, com o programa iconográfico a cargo do Diretor do Museu do Santuário, Marco Daniel Duarte. Parte da execução do andor ficou a cargo da Fundação Atelier Objecto. Este novo andor, estreado na peregrinação internacional aniversária de agosto, vai permitir que o andor histórico possa

ser alvo de uma intervenção de restauro, de que estava necessitado, e que irá avançar nos próximos meses, prevenindo-se depois a sua museologização.

O novo andor é composto por uma linguagem plástica e iconográfica que vai ao encontro de uma comunicação com o peregrino de uma forma clara.

Da obra fazem parte quatro painéis e quatro colunas. A parte da frente do andor é composta por uma cruz de Cristo texturizada de carvalho e coroada por rosas e folhagens. A cruz na

frente remete-nos para a abertura de um caminho e alude à cruz descrita na terceira parte do Segredo de Fátima. Esta encontra-se ladeada pelos painéis laterais que se inscrevem na pomba da paz que transporta o ramo de oliveira, sobre um pedaço de azinheira. Estão também presentes dois lírios.

Para encerrar o andor encontra-se na parte de trás, em plano central, o coração que carrega o tojo, símbolo da dor e amor de Maria.

Assim como a cruz, é coroado de rosas

[Foto_SF]

e folhas, e as quatro colunas laterais unem os painéis com a representação em baixo-relevo de uma cruz/sol num convite à comunhão. É na parte superior das colunas que surgem representadas três rosas, uma por cada pastinho. Na parte inferior de cada coluna surgem as alcachofras, referência ao antigo andor, numa forma de homenagear o seu passado e quem o construiu. Cada painel contém uma estrela representando a mensagem que Maria leva aos quatro cantos do mundo. As esferas que embainham o andor represen-

tam o diálogo interno do peregrino aos céus. As esferas, as contas do rosário, estão presentes nos painéis em números representativos de datas: 13 unidades nas laterais, alusivas ao dia em que Maria apareceu; 7 no painel frontal, alusivas ao ano de 1917 e 5 no painel posterior, alusivas ao mês de maio.

A construção do andor teve em conta a utilização de materiais que perpetuam a sua longevidade e dignificam a imagem de Maria. O andor é de madeira de cedro do Brasil, tendo em consideração a especificidade do material, assim

como vai ao encontro do material da imagem de Nossa Senhora de Fátima. É revestido a folha de ouro fino, o que nos remete também para a tradição. Os altos-relevos são de bronze. Para o seu transporte existem duas varas de madeira de sucupira, rematadas por rosas em bronze.

Carmo Rodeia
Diretora do Gabinete
de Comunicação do Santuário



De Fátima ao Panamá

Virgem Peregrina ao encontro dos jovens

CARLOS CABECINHAS



O Santuário de Fátima estará presente, de modo muito especial, na próxima Jornada Mundial da Juventude, que se realizará no Panamá, em janeiro de 2019: estará presente com a Imagem Peregrina original de Nossa Senhora de Fátima, que designamos como imagem n.º 1.

O tema escolhido para a Jornada Mundial da Juventude do Panamá, em 2019, é um tema explicitamente mariano: “Eis a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). Também explicitamente mariano é o itinerário de preparação para este acontecimento: o Papa Francisco escolheu Maria como tema central da caminhada de preparação para a Jornada Mundial da Juventude de 2019.

A Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que estará presente na Jornada Mundial da Juventude, é a primeira e a original: depois de ter percorrido os vários continentes, dando várias vezes a volta ao mundo, foi solenemente entronizada na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no ano 2000, e só muito excepcionalmente sai do Santuário. Sendo este um acontecimento eclesial de primeira importância, estando os jovens no centro das preocupações pastorais da Igreja e sendo o tema escolhido pelo Santo Padre para esta Jornada de caráter mariano, entendemos ser da maior importância que o Santuário de Fátima marcasse presença de forma significativa, abrindo a exceção de levar esta Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima.

[Foto_SF]

Deste modo, queremos sublinhar que, em Fátima e na sua mensagem, os jovens podem encontrar Maria como “caminho” para Deus e como “refúgio” nas tempestades da vida e nas dúvidas que pesam sobre cada um.

Também pesou na opção de nos fazermos representar na Jornada Mundial da Juventude com a Imagem Peregrina n.º 1 a grande devoção dos cristãos do Panamá a Nossa Senhora de Fátima.

Em outubro, a Igreja reunirá o Sínodo dos Bispos para refletir sobre os jovens e o seu lugar na Igreja. Em janeiro, os jovens reunir-se-ão festivamente com o Papa Francisco no Panamá. Estas duas intenções acompanharão a vida e oração do Santuário de Fátima como preparação para tão grandes acontecimentos e como contributo específico deste lugar, onde Nossa Senhora veio pedir oração.

P. Carlos Cabecinhas
Reitor do Santuário de Fátima



Nota da STELLA :

A imagem n.º 1 da Virgem Peregrina do Rosário de Fátima, feita segundo indicações da Irmã Lúcia, foi oferecida pelo Bispo de Leiria e coroada solenemente pelo Arcebispo de Évora, em 13 de maio de 1947. A partir desta data a imagem percorreu por diversas vezes o mundo.

A origem deste percurso remete-nos para o ano de 1945, pouco depois da 2.ª Guerra Mundial, quando o pároco de Berlim propôs que uma imagem de Nossa Senhora de Fátima percorresse todas as capitais e cidades episcopais da Europa, até à fronteira com a Rússia. A ideia foi retomada em abril de 1946, por um representante do Luxemburgo no Conselho Internacional da Juventude Católica Feminina, e, no ano seguinte, no preciso dia da sua coroação, teve início a primeira viagem. Depois de mais meio século de peregrinação, em que a imagem visitou 64 países dos vários continentes, alguns deles por diversas vezes, a Reitoria do Santuário de Fátima entendeu que ela não deveria sair mais, a não ser por alguma circunstância extraordinária. Após uma visita ao Brasil, para comemorar 500 anos da chegada de Pedro Álvares Cabral, em maio de 2000, foi colocada na exposição Fátima Luz e Paz, onde foi venerada por dezenas de milhares de visitantes. Passados três anos, no dia da solenidade da Imaculada Conceição, a Imagem foi entronizada na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, tendo sido colocada numa coluna junto ao altar-mor.

Atualmente, existem 13 imagens da Virgem Peregrina, um número simbolicamente fixado pelo Santuário.

O trigo que o homem semeou, colheu e leva ao altar do sacrifício

CLARA V.V.

[Foto_SF]



A Peregrinação Internacional Aniversária de agosto, dedicada aos migrantes e refugiados, foi um encontro entre a diversidade de povos, famílias, culturas, raças e línguas, na unidade da mesma fé e do mesmo amor ao coração da Mãe, como refúgio seguro e à sua Mensagem de Esperança. A oferta de trigo continua a marcar a peregrinação do mês de agosto. Os representantes das comunidades da Diocese de Leiria, das outras dioceses de Portugal e também do estrangeiro, dão continuidade, ano após ano, a este ofertório extraordinário. No momento da apresentação dos dons, sobem em procissão, o escadório até ao presbitério, de forma pausada e cuidadosamente levando os sacos de trigo ao altar até

junto do celebrante. Através deste gesto da oferenda do trigo, também os dons terrenos são introduzidos na esfera divina, manifestando que tudo vem de Deus e que tudo Lhe pertence. As almas destas mulheres, homens e crianças louvam a Deus, pelos dons que, diariamente, nos concede e nos quais podemos experimentar, materialmente, a sua solícita bondade. Com este gesto, estão também a pedir a Deus que cuide de nós, que o Seu poder salvador e libertador se faça sentir hoje em toda a criação, e que o Seu perdão reúna tudo aquilo que está dividido.

De seguida, o Sacerdote, ao elevar nas suas mãos as ofertas, exprime que todo o mundo, em toda a sua profundidade,



está totalmente penetrado por Cristo e que podemos encontrar Cristo em todas as coisas. Com o pão, pomos ao mesmo tempo sobre o altar, a nossa vida quotidiana, tudo aquilo que diariamente nos tritura e nos esmaga, todos esses grãos de trigo, sem qualquer ligação, que estão dentro de nós, o nosso esforço e o nosso trabalho. O pão que se oferece representa, também, a história da nossa vida. Ele é feito com o grão que cresce na espiga, sob a chuva e sob o sol, ao vento da tempestade. Quem carrega o trigo até ao altar, oferece-se a si mesmo, com tudo aquilo que cresceu em si, e também com tudo aquilo que não se tornou no que desejava, porque não giramos em torno das feridas da nossa vida, e também não fugimos de-

las. No pão apresentamo-las a Deus. E Ele enviará, o Espírito Santo sobre a nossa vida e dirá: «Isto é o meu Corpo». Tudo o que apresentamos a Deus, Ele o transformará no Corpo de seu Filho, na Eucaristia.

No momento do ofertório, é como se todos nós, que nos encontramos neste recinto do Santuário, colocássemos os nossos relógios sobre as ofertas do pão e do vinho, porque desejamos que o nosso tempo febril e agitado seja transformado, que o nosso trabalho, o nosso tempo, o nosso desassossego, os nossos problemas, as nossas divisões e preocupações, sejam transformados pelo Espírito de Deus que o Celebrante evocou sobre as ofertas.

Desta forma, exprimimos que no nosso dia a dia, não estamos sós, que a Eucaristia marca a nossa vida, até nos acontecimentos mais banais a quer transformar. Podemos celebrá-la tranquilamente, todos os dias, pois acreditamos que Deus também está a transformar o nosso mundo. Podemos ir embora, tranquilos, para o trabalho, podemos esperar, cheios de confiança, que as coisas não vão ficar como dantes, que as relações se podem transformar, que os conflitos embaraçosos se podem resolver e que o que é pesado se tornará mais suave.

Para muitos é importante pensar que o altar, sobre o qual tem lugar a autêntica oferta, é a própria vida quotidiana. No trabalho quotidiano, é possível transformar este mundo, de maneira que seja, cada vez mais, penetrado por Cristo, e os homens nele O reconheçam... É verdade que o Espírito Santo, que transforma o pão no Corpo do Senhor Jesus, transforma também a nossa vida quotidiana. A transformação da nossa vida quotidiana, através da Eucaristia, exige também um trato diferente com as coisas, com as pessoas e com a criação. O respeito com que recebemos a Cristo na comunhão é o mesmo que temos de mostrar para com as pessoas que encontramos. A Eucaristia é expressão da confiança de que, através da Morte e Ressurreição de Jesus, até aquilo que é inerte em nós, se transforma em vida nova.

Clara V.V.
Secretariado Internacional A. M. F.

Com o Papa Francisco, a Igreja em Pentecostes contínuo

CARLOS MOREIRA AZEVEDO



A presença do Espírito Santo no Pentecostes move os apóstolos ao dinamismo, faz perder o medo e lançar-se na missão, torna acessível a mensagem em diversas linguagens, captada pelos diversos povos e culturas.

Desde que apareceu no balcão da Basílica de São Pedro, após escolha dos Cardeais e até hoje, o Papa Francisco manifesta esta disponibilidade a lançar os diferentes membros da Igreja em movimento de renovação, que é obra do Espírito Santo.

Os apóstolos e os discípulos de Jesus viviam atemorizados e fechados, nos seus velhos medos e pecados. À medida que a Páscoa avança, os discípulos percebem que Jesus, afinal não fugira para longe, está no meio deles e traz-lhes o *Espírito da Paz*. Vibram no mesmo Amor que atraiu o Filho ao Pai, derrama-

se sobre eles, como se o evangelho chegasse ao coração, numa *língua* que nem é preciso aprender...

O papa está bem consciente de que "muitos prometem estações de mudança, novos começos, renovações portentosas, mas a experiência ensina que nenhuma tentativa terrena de mudar as coisas satisfaz plenamente o coração do homem. A mudança do Espírito é diferente: não revoluciona a vida ao nosso redor, mas muda o nosso coração" (Papa Francisco, 20-05-2018). Assim, identificamos o modo da ação. De facto, o mesmo Espírito com que Jesus se entregara ao Pai, na Cruz, atirava-os agora corajosos para a missão, a começar em Jerusalém. O mesmo Espírito que ressuscitou Jesus dava-lhes agora vida e alento. E o fruto desta Páscoa é o *Espírito Santo, Senhor que dá a Vida*. É Ele a alma do ser humano, da Igreja e

da sociedade. Como passar à liberdade que vence os medos e retira do desânimo crónico?

O Papa Francisco incide, apesar dos dramas do mundo atual, nas pessoas que o ouvem e sobretudo o escutam, que o Espírito Santo está vivo no coração das nossas cidades e da nossa história, para fazer com que essas pessoas e grupos sejam como Jesus, que pensem como Ele, vivam como Ele, amem como Ele, sofram como verdadeiros filhos de Deus e, como Ele, dêem a vida pelos irmãos. O Papa Francisco não deixa, e atua para não cairmos na tristeza «contra o Espírito Santo» (cf. Mt. 12, 31), negadora da sua força e da sua capacidade penetrante, em todos os meandros da história. O Papa, impulsionado pelo Espírito, agita a vida dos pastores e das comunidades e abre-as a um futuro novo. A inspiração de Deus que conduz a história do princípio ao fim, não se dá com a mediocridade ressequida, com a estagnação pantanosa. Com certeza que também Jesus sentiu o cansaço da agonia e o esgotar das energias, mas venceu. Também Jesus experimentou o isolamento de quem defende a perspectiva de Deus e foi rodeado de incompreensão propensa ao desânimo, mas resistiu. Jesus arriscou ir até ao fim na condição de servo da humanidade e de obediência aos critérios absolutos de Deus Pai. Isso nos ensinou Bento XVI na sua encantadora presença entre nós.

Apesar dos descaminhos e dos muros, a força do Espírito Santo não se abate diante da lama social e vê crescer sementes de bem e de verdade. O Papa ar-

gentino acredita profundamente nas aberturas dos corações à retidão e à vontade de humanizar a sociedade. Não obstante os nossos defeitos, traumas, limites e resistências, o Espírito Santo geme nesta insatisfação.

Requer lucidez e coragem fazer escolhas que o espírito do mundo despreza ou condena, mas a que o Espírito do Bom Jesus nos impele. É Ele que transforma a oferta da nossa vida e trabalho para que tudo se conjugue a favor do bem comum. A diversidade de associações, de grupos e instituições, empenhados na valorização social e cultural das nossas gentes, dos mais pequeninos aos mais velhos, o voluntariado crescente e o gênio criador de alguns pintores, de poetas, de músicos, são a manifestação da *diversidade de dons* do Espírito de Deus, que não pára, mas que paira ainda sobre nós e tem um povo numeroso.

O Papa Francisco impele a Igreja e a humanidade a ser corajosa construtora do futuro melhor, aberto à universalidade e unificador de projetos válidos. Devemos em consciência dar o máximo contributo, sem desalento, para que os problemas se coloquem de modo exato, salvaguardando o essencial, respeitando a dignidade da pessoa, encaminhando para um novo humanismo integral, pautado pela sabedoria e não arrastado pelo economicismo.

Como afirma o Papa: "O Espírito Santo não nos torna capazes só de esperar, mas também de ser semeadores de esperança, de sermos também – como Ele e graças a Ele – "paráclitos", ou seja, consoladores e defensores dos irmãos,

semeadores de esperança. Um cristão pode semear amargura, pode semear perplexidade e isso não é cristão, e quem faz isso não é um bom cristão. Semeia esperança: semeia óleo de esperança, semeia perfume de esperança e não vinagre de amargura e desesperança" (Papa Francisco 14-05-2017). Graças à força invencível do Espírito podemos mover montanhas que parecem intransponíveis. Não há aridez de deserto que não possa ser irrigada. Não há ossos descarnados e amontoados, resultantes de vida ausente de Deus e de valores, que não sejam chamados à vida nova. "O Espírito é o vento que nos impulsiona para a frente, que nos mantém em caminho, nos faz sentir peregrinos e estrangeiros, e não nos permite parar e nos tornar um povo "sedentário" "(Papa Francisco 14-05-2017).

Se dermos espaço em nós, à presença do Espírito Santo, ele retira-nos do isolamento, da concha indiferente e abre-

-nos à comunhão, ele é luz para discernir questiúnculas a abandonar e traçar caminho de sensibilidade ao essencial, de atenção a quem vive ao meu lado. A respiração de Deus não se dá com meros consumidores de religião, sem ousadia que transpire em testemunho missionário. Se dermos espaço ao Espírito Santo deixaremos uma vida banal, pautada pela mediocridade superficial para inaugurar dinamismos de sabedoria e fortaleza resistente.

E termino com a oração do Papa, no Pentecostes de 2018: "Soprai nos nossos corações e fazei-nos respirar a ternura do Pai. Soprai sobre a Igreja e impeli-a até aos últimos confins, para que, levada por Vós, nada mais leve senão Vós. Soprai sobre o mundo o suave calor da paz e a fresca restauração da esperança. Vinde, Espírito Santo, mudai-nos por dentro e renovai a face da terra".

D. Carlos Moreira Azevedo
Delegado do Conselho Pontifício da Cultura



Os jovens, esperança da Igreja

MANUEL SATURINO GOMES

[Foto_Ecclesia]

Muito se tem escrito e falado sobre os jovens, tendo em consideração a XV Assembleia-Geral do Sínodo dos Bispos dedicada aos jovens, mais propriamente ao tema: "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional", que terá lugar no Vaticano, de 3 a 28 de outubro de 2018. Algumas coisas corretas, outras nem por isso.

Um Sínodo dos jovens ou um Sínodo dos Bispos? Ora, «o Sínodo dos Bispos é a assembleia dos Bispos escolhidos das diversas regiões do mundo, que em tempos estabelecidos se reúnem para fomentarem o estreitamento da união entre o Romano Pontífice e os Bispos, para prestarem a ajuda ao mesmo Romano Pontífice com os seus conselhos em ordem a preservar e consolidar a incolumidade e o incremento da fé e dos costumes, e bem assim ponderar as questões atinentes à ação da Igreja no mundo» (c. 342). O Sínodo é composto essencialmente pelos representantes dos Bispos do mundo inteiro, eleitos pelas respetivas Conferências Episcopais, e também por membros nomeados pelo Santo Padre, o qual escolhe também observadores leigos ou clérigos, católicos ou não, para estarem presentes.

De 19 a 24 de março de 2018 realizou-se em Roma algo inédito, uma reunião pré-sinodal convocada pelo Papa, com jovens escolhidos a fim de debaterem assuntos relacionados com a juventude. Os Bispos tiveram diante de si um "Instrumentum laboris" (IL, documento de trabalho), que serviu de base às discussões e reflexões na aula sinodal. Com certeza que todos acompanhámos os trabalhos sinodais com a nossa oração e as notícias veiculadas pela comunicação social.

«A Igreja deve envolver jovens em seus processos de tomadas de decisão e oferecer-lhes mais funções de liderança. Essas funções devem ser na paróquia, diocese, a nível nacional e internacional, e até em comissões do Vaticano. Nós sentimos fortemente que estamos prontos para sermos líderes, amadurecermos e aprendermos com os membros mais experientes da Igreja, religiosos ou leigos. Nós precisamos de programas de liderança e formação para o desenvolvimento contínuo de lideranças jovens» (reunião pré-sinodal). Estes são alguns dos anseios dos jovens. Será que eles têm estado à margem da Igreja?

A Igreja desde sempre teve uma atenção particular em re-

lação às camadas juvenis: crianças, adolescentes, jovens, na catequese, nos grupos e iniciativas de diverso género. Quantas instituições foram fundadas para acolher, acompanhar e educar os jovens! Quantas iniciativas paroquiais e diocesanas que congregaram os jovens, em retiros, caminhadas, obras de caridade, festivais, secretariados ou comissões, seminários! Se é certo que muitas paróquias souberam acolher os jovens, outras há que esmoreceram na criatividade e no envolvimento dos mesmos. Mas há que reconhecer que a sociedade hodierna com as suas atrações e propostas fez com que os jovens procurassem outras pastagens, afastando-os da prática de fé, da família e da Igreja. E a Igreja não pode ser culpada de tudo, pois nem sempre a família ocupou o seu lugar, ou até os pais demitiram-se das suas responsabilidades.

A pastoral dos jovens é fundamental na Igreja, com animadores bem preparados, a nível paroquial, diocesano, nacional, internacional e até dos institutos de vida consagrada. O IL afirma a certa altura: «Em nome de muitos outros, um jovem, ao responder ao Questionário *online*, afirma: «Queremos estar envolvidos, valorizados, sentirmo-nos corresponsáveis por aquilo que está a ser feito». Enquanto batizados, também os jovens são chamados a ser "discípulos missionários", e importantes passos têm sido dados nessa direção (cf. EG 106). No seguimento do documento conciliar *Apostolicam Actuositatem*, São João Paulo II afirmou que os jovens «não devem ser considerados simplesmente como o objeto da solicitude pastoral da Igreja: são de facto e devem ser encorajados a ser sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social» (CL 46). Eis o verdadeiro ponto de qualificação da pastoral juvenil, segundo muitas Conferências Episcopais: passar corajosamente da ação pastoral "pelos jovens" para aquela "com os jovens"» (IL, n.º 199). Bento XVI convidava frequentemente os jovens a serem protagonistas da missão: «Queridos jovens, vós sois os primeiros missionários no meio dos jovens da vossa idade!» (*Mensagem para a XXVIII JMJ de 2013*, 18 de outubro de 2012).

A solução será a de uma pastoral integrada na Igreja, em que os jovens não formem um mundo à parte, mas caminhem juntamente com os irmãos mais velhos, experiência essa que trazem das suas famílias. Eles têm de ser ajudados no seu ama-



durecimento, valorizados na comunidade, mas eles próprios não podem ignorar a experiência dos sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e leigas, que são parte integrante da Igreja.

A santidade vivida por inúmeros jovens santos é um estímulo para os nossos jovens, pois em todos os tempos houve desafios, dificuldades, vivências profundas e alegrias. «Também vale a pena mencionar que, ao lado dos “jovens santos”, há a necessidade de apresentar aos jovens a “juventude dos Santos”.

Todos os Santos, de facto, passaram pela idade juvenil e seria útil para os jovens de hoje mostrar como os Santos viveram o tempo de sua juventude. Seria possível, assim, compreender muitas situações juvenis, nem simples nem fáceis, mas nas quais Deus está presente e misteriosamente ativo. Mostrar que a Sua graça entra em ação por meio de percursos tortuosos e de construção paciente, de uma santidade que amadurece ao longo do tempo, por vários caminhos imprevistos, pode ajudar todos os jovens, sem exclusão alguma, a cultivar a esperança de uma santidade sempre possível» (IL, n.º 214). A hora é dos jovens? A hora é da Igreja que não deve ter medo em anunciar Jesus Cristo, nos diversos contextos sociais, culturais e políticos. A Igreja, qual mãe e mestra, recebe no seu seio os homens e mulheres de todas as idades. É especialista

em humanidade, solícita para com as necessidades materiais e espirituais de cada um. Os jovens, esperança de um mundo novo e de uma Igreja renovada, são uma componente imprescindível para que a comunidade eclesial se sinta sempre jovem e não se acomode ao mais fácil, se deixe guiar pela criatividade do Espírito Santo, apresentando ao mundo a beleza do Evangelho e da Igreja que caminha desde há dois mil anos rumo à Jerusalém celeste.

P. M. Saturino Gomes, scj
Auditor do Tribunal da Rota Romana

A família e o Papa Francisco

ISILDA E PAULO VIEIRA

O Papa Francisco no seu jeito de estar em igreja habituou-nos a esta peculiar e carinhosa forma de se anunciar:

«Apresento-me à porta da vossa casa, para vos falar dos desafios pastorais da família, no contexto das novas urgências da evangelização».

«Queridas famílias, na verdade, a Igreja dedica-se de modo especial a vós, à vossa vocação e missão na Igreja e na sociedade, aos problemas do matrimónio, da vida familiar, da educação dos filhos, e ao vosso desempenho, na missão da Igreja. No vosso caminho familiar, partilhais tantos momentos belos: as refeições, o descanso, o trabalho em casa, a diversão, a oração, as viagens e as peregrinações, as ações de solidariedade... Todavia, se falta o amor, falta a alegria; e Jesus é quem nos dá o amor autêntico: oferece-nos a sua Palavra, que ilumina a nossa estrada; dá-nos o Pão de vida, que sustenta a labuta diária do nosso caminho».

Em Dublin, no passado mês de agosto, o Papa Francisco, declarou que: *«Como sabeis, o motivo da minha visita é participar no Encontro Mundial das Famílias, porque a Igreja é uma família de famílias e sente a necessidade de apoiar as famílias nos seus esforços, por responder fiel e jubilosamente, à vocação que Deus lhes deu na sociedade».*

Manifestou o desejo de que *«o Encontro seja uma oportunidade, não só para reafirmar o seu compromisso de fidelidade amorosa, de ajuda mútua e respeito sagrado pelo dom divino da vida, em todas as suas formas, mas também para testemunhar o papel único, desempenhado pela família na educação dos seus membros, e no desenvolvimento de um tecido social sadio e vigoroso».*

Ao olhar para aqueles milhares de Famílias, referiu que lhe apraz ver aquele Encontro Mundial *«como um testemunho profético do rico património de valores éticos e espirituais, que cada geração tem a tarefa de guardar e proteger».*

Do lado das Famílias, foi dizendo que conhece os seus problemas *«não é preciso ser profeta para se dar conta das dificuldades que enfrentam as famílias, na sociedade atual, em rápida evolução, ou para se preocupar com os efeitos, que o transtorno do matrimónio e da vida familiar, inevitavelmente*



implicará, a todos os níveis, para o futuro das nossas comunidades». Estima a família como a coesão da sociedade, e o seu bem não pode ser dado como garantido, *«foi na família que cada um de nós deu os primeiros passos na vida. Lá aprendemos a conviver em harmonia, a controlar os nossos instintos egoístas, a conciliar as diversidades e sobretudo a discernir e procurar os valores que dão sentido autêntico e plenitude à vida. Se falamos do mundo inteiro como duma só família, é porque justamente, reconhecemos os laços da nossa humanidade comum, e intuimos a chamada à unidade e à solidariedade, especialmente em relação aos irmãos e irmãs mais vulneráveis».*

O Evangelho lembra-nos que a paz verdadeira, em última análise, é dom de Deus; brota de corações sanados e reconciliados e estende-se até abraçar o mundo inteiro. Mas requer

[Foto_Internet]



também, uma conversão constante, na construção de uma sociedade ao serviço do bem comum, porque sem este fundamento espiritual, o ideal duma família global de nações, corre o risco de não passar dum «lugar-comum» vazio.

O Papa Francisco reconheceu a «*quanta necessidade temos de recuperar, em cada área da vida política e social, o sentido de ser uma verdadeira família de povos, reconciliadores e guardiões uns dos outros!*». Num gesto de humildade confessou: «*Eu próprio partilho dos sentimentos de indignação e vergonha, como o meu predecessor, Papa Bento, que não poupou palavras para reconhecer a gravidade da situação e para pedir que fossem tomadas medidas «verdadeiramente evangélicas, justas e eficazes» em resposta a esta traição da confiança por parte da comunidade católica. A minha esperança, é que a gravidade destes escândalos e abusos, sirva para evidenciar o*

sentido e a necessidade urgente, que todos temos, de oferecer aos jovens, um acompanhamento sábio de valores sadios para o seu caminho de crescimento».

Antes de terminar, manifestou mais uma vez o seu afeto e a sua proximidade, «*queridos amigos, rezo para que a Irlanda, enquanto escuta a polifonia da discussão político-social contemporânea, não esqueça as vibrantes melodias da mensagem cristã, que a sustentaram no passado e podem continuar a fazê-lo no futuro*».

Gostaria de terminar esta extraordinária comunicação do Papa Francisco, com este pensamento bíblico do Apóstolo S. Tiago: "Toda a boa dádiva e dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, que não muda como sombras inconsistentes".

Isilda e Paulo Vieira
Casal responsável da equipa 17 de Leiria setor B

Seguir Jesus de Nazaré

INÊS VIEIRA



A festa da primeira profissão religiosa

Justina e Hady, de Angola, Violeta e Apelina, de Moçambique, quatro personalidades que aceitaram fazer a profissão religiosa na Congregação das Irmãs Reparadoras de N. Sr.ª de Fátima. Foram acolhidas nas Casas da Missão para se abrirem ao mundo, como Sinal da Igreja Missionária.

Na Capela da Casa-Mãe, em Fátima, Casa de N. Sr.ª das Dores, celebrou-se a festa das Primeiras Profissões Religiosas, segundo as Constituições da Congregação, da Hady Eliane, da Justina

Laurinda, da Violeta João e da Apelina Francisco. O Noviciado é como o coração da Congregação. Aqui se pulsa, ao ritmo da vida da Congregação, e se desenha nos trilhos do caminho e nos passos da peregrinação de cada noviça, momentos marcantes da história de cada irmã, e da história do Instituto.

A memória do passado traz-me, pela voz da história, a recordação de formadores e de jovens que deram à Congregação, desde a década de trinta do século XX, em cada época, um rosto e um estilo próprio, sem nunca desfigurarem a identidade inicial, nem desvirtuarem a missão no decurso do tempo. No noviciado se cuidaram personalidades

sadias de jovens íntegras, generosas e servidoras fiéis do Carisma Reparador, na Congregação e na Igreja.

A STELLA falou com estas jovens e publicamos hoje o testemunho e o percurso dos seus sentimentos, na antevéspera do seu «Primeiro Sim» ao seguimento de Jesus, pelos votos de Pobreza, Castidade e Obediência, segundo o Carisma Reparador da vida do Venerável Padre Manuel Formigão.

HADY ELIANE - LUANDA

Eu vim de Luanda, sinto uma alegria muito grande por ter dedicado o tempo de noviciado a conhecer melhor Jesus que me chamou a esta Consagração, nas Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima. Através da perscrutação da Palavra de Deus, fui conhecendo mais e melhor a Sua Vida e Missão. Através da leitura assídua, da escuta, da meditação e do encontro com a Palavra, aprendi a amá-Lo mais e a desejar ter as mesmas atitudes e sentimentos. Os momentos de oração pessoal, de adoração ao Santíssimo Sacramento, e a vivência dos Sacramentos fortaleceram o conhecimento e a intimidade com o Senhor Jesus. Conhecer Jesus significa cultivar uma relação profunda com a pessoa de Jesus numa busca permanente e continuada pela vida toda. Seguindo-O nas suas pegadas chego ao Pai.

Ao olhar com o coração a história da Congregação e do Venerável Fundador, senti crescer em mim o entusiasmo



e a segurança para responder “sim” ao pedido que Maria dirigiu ao Padre Manuel Formigão: “é preciso que haja quem faça reparação”. A fidelidade do Padre Formigão à Missão que Maria lhe deixou, através da pastorinha Santa Jacinta Marto, trouxe-lhe muitas incompreensões e sofrimentos, mas desafiou também a minha generosidade no desejo de ser fiel ao Carisma de Reparação pedido por Nossa Senhora.

Durante o tempo do noviciado escolhi o lema que me acompanhará após a primeira profissão: “ser fiel à Vontade de Deus como os Pastorinhos e como Nossa Senhora”. A fidelidade ao amor, à oração e à alegria de ser reparadora, é o maior Dom que Deus me pode conceder, ao longo da minha vida.



APELINA FRANCISCO - LICHINGA

Acompanhei as Irmãs na comunidade do Bairro da Cerâmica, em Lichinga, até Fátima, para entrar no noviciado, pois sentia que Jesus me chamava a segui-Lo de mais perto. Ao longo deste tempo, procurei aprender a viver na intimidade com Jesus, experimentei estar ao pé D’Ele, abandonar-me em Suas mãos e deixar que fosse Ele somente a invadir todo o meu ser, a vontade, a inteligência, a memória e o meu entendimento. Ao estudar as Constituições das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima, fixei-me várias vezes nesta proposta: “Deixar-me imbuir do Espírito de Jesus, que me associa intimamente à Sua Missão Redentora e, assim,

aprender a viver segundo o seu estilo de vida, porque seguir Jesus significa deixar-me apaixonar por Ele, todos os dias, e colaborar na procura permanente da santidade.

A Congregação nasceu de um pedido urgente de reparação, e um pedido urgente requer uma resposta urgente. O carisma da Congregação tem como finalidade dar Glória a Deus, em toda a nossa vida, e pela Promessa de Reparação, cooperar na Salvação da humanidade. Cada Reparadora, no dia da primeira profissão, promete *fazer todos os atos da sua vida, com intenção de reparar os pecados da humanidade, especialmente os que se cometem contra os Corações de Jesus e de Maria*. O carisma de reparação atraiu-me porque é sempre atual, isto é, enquanto houver pecado no mundo, não vou poder "baixar os braços". O mal existe e atua... sinto-me chamada a entregar as minhas mãos e o meu coração à Obra Reparadora, pela construção do bem e a imitar o Padre Formigão, na sua vida humilde, obediente, simples e na sua dedicação aos mais pobres e esquecidos da sociedade.

Ser irmã reparadora é dar a vida. Na certeza de que é o Senhor que vai à frente. Dar a vida no sentido do serviço à Congregação e à Igreja, senti-me inspirada pela carta de S. Paulo aos Filipenses, 4,13: "Tudo posso naquele que me conforta". E ainda, no apelo de Nossa Senhora à Lúcia: "...Olha minha filha... tu ao menos vê de me consolar!" É aqui que está o sentido da

realização da minha vocação de Irmã Reparadora.

JUSTINA LAURINDA - BENGUELA

Iniciei o meu contacto com as irmãs na comunidade de Benguela, onde o jeito de viver da cada irmã e a obra social que criaram me aliciou a seguir os seus passos. Tive a grande alegria de ser admitida ao noviciado onde procurei fazer a experiência vital da Pessoa de Jesus, amá-Lo e segui-Lo de mais perto como sua discípula, e fazer d'Ele o centro e o Tesouro da minha vida. Deixei-me atrair pelo Seu Rosto resplandecente e inserir na vida e missão universal da Reparação. Refleti como ser testemunho de vida em fidelidade

e segui-Lo como Caminho, Verdade e Vida (cf Jo 14,6).

A Congregação nasceu para dar resposta às necessidades urgentes do mundo, na primeira metade do século XX. Do mesmo modo, hoje, como reparadora, sou chamada a dar uma resposta urgente e a colaborar com Jesus Redentor da humanidade. Tenho como tarefa anunciar vivamente, a Mensagem da Virgem Mãe do Céu, através da oração, do sacrifício, da reparação, e difundir as riquezas do Mistério da Eucaristia, que nos introduz na oblação de Cristo ao Pai. Com a ajuda do Espírito Santo, e ao jeito da vida de fé e de audácia do Padre Fundador, vou tentar buscar em tudo a "Glória de Deus e atrair muitas almas ao Coração de Jesus e de Maria".



[Fotos_Stella]

Vou experimentar seguir o caminho de oração confiante, como o Padre Formigão incutia às primeiras irmãs, quando lhes recomendava que vivessem unidas no amor ao Instituto.

Ser irmã reparadora, primeiramente, é ser uma boa cristã com os outros cristãos, mas que depois responde «sim» a um chamamento especial de consagração. Sobretudo é dar de graça, é fazer presente no mundo e na sua comunidade o amor de Deus, o amor gratuito de Deus. Com o meu Fundador escolhi como divisa para a vida toda: *“Tudo por Deus, tudo para Deus, tudo sob o olhar de Deus”* e as palavras de Nossa Senhora dirigidas à Lúcia: *“O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.”*

VIOLETA JOÃO - LICHINGA

As irmãs da comunidade de Lichinga acolheram-me com muito carinho e cedo comecei a identificar-me com a missão reparadora, dentro da Mensagem de Fátima. Pedi para ser aceite na Congregação e iniciei o noviciado onde a amizade com Jesus foi crescendo em mim, e conduziu-me a Jesus, como o melhor amigo, com quem aprendi a força do bem. Este Amigo aceita-me como sou, com limitações, fragilidades e qualidades, sem máscaras. Jesus apresentou-se como o ‘Caminho, a Verdade e a Vida’, e eu desejo seguir os Seus passos no dia a dia, alimentada pela Sua Palavra e ajudada pelas mediações humanas.

A Congregação nasceu para dar resposta a um pedido urgente e sempre atual, de Nossa Senhora. Deixei-me surpreender pela fé, coragem e fortaleza como o Fundador viveu os momentos difíceis. Não se revoltou, nem cruzou os braços, lutou com todas as suas forças, e com muita humildade correspondeu ao pedido de Nossa Senhora ao ponto de dizer: *“se não se funda a Obra da Reparação eu morro”*. Lutou até ao fim, sempre confiando em Deus e na Senhora Mãe de Jesus. A divisa que escolhi no Noviciado e que me conduz à Primeira Profissão é o pedido de Nossa Senhora: *“Quereis oferecer-vos a Deus?”* E a resposta dos pastorinhos: *“Sim queremos”*. Nossa Senhora acrescentou: *“Tereis muito*

que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto”. Este desafio, aceite pelos pastorinhos, fez crescer em mim o desejo de uma entrega serena e humilde, alegre e confiante da minha vida e de, como o Fundador, pedir a Deus: *“Atrai-me para ti Senhor, se não me atraíres quem me atrairá?”* A revista STELLA dá um abraço de parabéns a cada neo-professa e deseja que cada uma seja feliz na Missão. Hoje. Sempre. E um conselho de Irmã mais velha: descobri o amor de Deus que vos faz reconciliar com a história, para O poderdes fazer presente no mundo, com muita alegria e felicidade.

Ir. Inês Vieira, rf.



A virtude do Padre Formigão no momento da Prova Capital (3)

ARNALDO PINTO CARDOSO

[Texto redigido segundo o anterior acordo ortográfico]

[Fotos Stella]



RAZÕES DO SINGULAR PROCEDIMENTO

Na defesa do projecto da Reparação está a sua paixão e também o drama da sua existência. A dado momento, Formigão teve de lutar contra um inimigo inesperado – a incompreensão – que não vinha dos ateus nem dos republicanos agnósticos, mas sim do campo comum eclesial. Durante uma dúzia de anos, ele procurou implantar um movimento de adoração reparadora, mas a pouco e pouco, entre receios e incertezas, calúnias e mo-fas, teve de constatar dolorosamente, que não tinha na hierarquia o apoio que procurava, e que esta não assumia a sua ideia, aliás, envolta em misteriosa linguagem.

Não bastaram aqueles dezassete anos dedicados a Fátima para impor a sua acção em prol da Mensagem da Reparação. Até então, foi escutado, consultado, envolvido em todo o género de problemas relacionados com a mensagem e com o santuário. Naquele ano de 1934, perante os rumos superiormente traçados, a seriedade de Formigão e o seu amor à verdade calaram fundo. Os três anos em Lisboa minaram inexoravelmente o ambiente

em seu redor, sentindo-se olhado como um “visionário”, como profeta de uma utopia que era necessário travar! Se pôde contar com o apoio e compreensão de alguns bispos, isso não foi suficiente para alterar a decisão colegial dos outros bispos. Entregue a si mesmo, a realidade do movimento da Reparação tomaria oportunamente o rumo justo.

Neste transe, Formigão chegou ao paroxismo de se refugiar num “exílio” longínquo e num silêncio ensurdecador... Deus tinha a sua hora! Este foi o seu timão na hora da tempestade. Se era essa a vontade de Deus, Formigão não tinha senão que aguardar essa hora. Se o selo divino das suas obras passava pelo sofrimento, então Formigão não tinha que reclamar nem protestar. Foi isso que ele fez.

Se fosse outro, teria reclamado perante a hierarquia, teria protestado perante a comunidade, teria contestado, virado as costas a tudo! Ele percebeu que era chamado a realizar algo que não via claro, a aceitar o sofrimento como etapa de um processo misterioso, a olhar para o exemplo oblato da existência dos videntes e a conformar-se com um desígnio divino que o ultrapassava. O futuro a Deus pertencia!

A sua saída de Lisboa não era uma desistência, mas sim uma retirada estratégica, o testemunho de uma fé inabalável, confiante na “hora de Deus”. Se a Obra era de Deus, havia que aguardar a Sua hora, e os bispos mais tarde ou mais cedo tomariam a atitude justa. Não seria por ele estar mais próximo do Patriarca que as coisas sairiam do impasse a que chegaram.

A Formigão pareceu ser a melhor solução num momento particularmente confuso e perturbador. Apesar desse sentimento, ele não deixou de expor, respeitosamente, pessoalmente e por escrito, aos superiores as razões que o moviam e inquietavam. E a sua missão continuaria noutros espaços, sem queixumes nem acusações! Serviu-lhe de lenitivo a fidelidade do grupo dissidente de contemplativas, a coragem do bispo de Leiria em as acolher em Fátima, o apoio do Dr. Fischer (alemão) e de outros colegas.

Não deixou que o azedume o invadisse ou a desilusão o paralisasse. Por isso, continuou a escrever, a aconselhar, a apoiar o pequeno grupo de Reparadoras, a ajudar os pobres. E isto, apesar da distância de Fátima e dos incómodos das viagens. Como antes, no Patriarcado, ele continuou a ser, nas etapas seguintes,

construtor de Igreja, sempre fiel à recomendação de Maria em Caná: «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2, 5).

Fátima devia ser isso mesmo: a Mãe que indica o caminho do Filho, a via da conversão. Por isso, a atitude existencial de Formigão tem uma dimensão histórica e meta-histórica, que está para além da circunstância do espaço e do tempo. Se o sentido profundo da sua atitude o ultrapassa e fica incompreendido dos seus contemporâneos, a afirmação da Reparação acaba por ir beber nele, qual raiz da árvore.

Aqui entraria uma referência especial à dimensão mariana da sua espiritualidade. De facto, a sua devoção a Maria aparece de tal modo inserida na sua espiritualidade cristológica, que não se pode separar uma da outra. Lourdes e Fátima testemunham isso mesmo. No desenhar esse perfil em Fátima, a acção de Formigão deve ter sido decisiva. O verdadeiro encontro com a Mãe e Medianeira pressupõe a celebração eucarística e do sacramento da Reconciliação e do caminho da Paixão de Cristo. É sempre Cristo que está no centro, como o estava na vida dos pastorinhos.

Em momentos como o vivido por Formigão, em que as razões da humanidade entram em conflito insolúvel, com as motivações misteriosas de um projecto divino, se prova a heroicidade de uma vida virtuosa. Nesta situação, Formigão agiganta-se como um fiel discípulo de Paulo, na aceitação da Cruz, como Cristo. Por esta referência à Cruz de Cristo, ele entra no trilho do caminho da santidade.

Assim procedendo, consciente de que a sua pessoa não devia servir de troçoço para ninguém, ele sepultava o amor próprio que procuraria pôr-se em evidência, armando-se em vítima e culpabilizando outros. A exemplo do que o apóstolo Paulo diz de Cristo na carta aos Filipenses acerca da *kenose* de Cristo, assim Formigão entendeu que o Senhor lhe oferecia o mesmo caminho, aniquilando-se até ao fim (cf. Fl 2,7). A Reparação não era um movimento apenas em favor dos outros (os pecadores), era algo que o envolvia pessoalmente. Com tal espírito aproximava-se do exemplo de Cristo que “aprendeu a obediência no sofrimento” (Hb 5,9). Com o seu sofrimento silencioso, Formigão continuava assim a Paixão de Cristo, e testemunhava a sua obediência à mensagem da Senhora.

A sua missão pastoral não era separável do sacrifício, que assumia diversas feições. Esta dimensão oblativa do sacrifício, unido à Paixão de Cristo, Formigão testemunhou-a, de modo particular, no sofrimento dos pastorinhos. Perante tal exemplo, ele não podia ser diferente!

A Ir. Maria do Carmo, em carta de 1948 a D. José, bispo de Leiria, relacionou as circunstâncias dolorosas da vida do Cônego Formigão, com uma frase que lhe dissera a “Madrinha” da Jacinta, D. Maria da Purificação Godinho: “O Sr. Padre Formigão há-de sofrer muito! Vai ter muito que sofrer”.

Este lado da vida de Formigão escapa-nos, porque esta visão profética não nos explica nada sobre isso, e também porque ele nada nos diz da sua vivência espiritual, nem dos sentimentos

de dor ou de alegria, que a acompanhavam. Consigo levou bem escondido esse segredo do seu coração, mas o seu caminho da santidade passou também por aí, pelo sofrimento físico e moral, manifestando um conjunto de virtudes (humildade, fortaleza e fidelidade), que definem bem o seu perfil humano e espiritual.

A exemplaridade das suas virtudes emerge como testemunho da vivência de uma mensagem, e ao mesmo tempo, como exemplo e proposta àqueles que desejam seguir os caminhos de Deus, e serem operadores de um mundo novo. É este o desafio contido na heroicidade de “virtudes sublimes a imitar”, proclamadas no decreto pontifício de 14 de Abril de 2018. Por paradoxal que pareça, o homem novo não resulta da técnica nem do progresso, mas da prática heróica das virtudes. Para estas virtudes, segundo o P. Formigão, devia o clamor da mensagem de Fátima abrir caminho e ser sinal de esperança num mundo atormentado.

Monsenhor Arnaldo Pinto Cardoso

Portulador da Causa de Canonização de M. N. Formigão



Manual de reparação

Amizade que Deus oferece à testemunha frágil

PEDRO VALINHO

[Desenho_F. Noronha]

De que se alimenta a reparação?

Na vida de Francisco e Jacinta, tudo começa no convite à amizade que também se diz adoração. Voltar a encher os olhos de Deus é a alternativa recordada em Fátima para *reparar* o humano da sua trajetória autorreferencial. Mas esta reparação não se dá senão através do convite de Deus a uma relação de amizade que muda a vida. É isso que aprendemos do gesto estranho de um Anjo com a fronte curvada até ao chão. Somos recordados de que a adoração – *eu adoro* – é o jeito crente com que se alimenta as atitudes teológicas da fé – *eu creio*, – da esperança – *eu espero*, – e da caridade – *eu amo-vos*. Somos recordados de que na medida em que aquele que crê se abre à amizade de Deus, o seu íntimo é preenchido de afeto e misericórdia e converte-se em alimento para o bem dos demais.

É esse o coração de todas as histórias em que a Revelação toca a biografia. Para Francisco e Jacinta, aquele encontro com Deus é um acontecimento bem maior do que a sua história e do que toda a história humana. Na medida em que aceitem o desafio do testemunho dessa relação, resta-lhes assumir esse risco e oferecerem-se como transparência daquilo que simultaneamente não podem transparecer e não podem deixar de transparecer. Daquilo para o qual não têm verdadeiramente ferramentas de tradução, mas que lhes traz o apelo irreprimível da transparência, como fogo que arde sem consumir (cf. Ex 3,2).

Surgem assim os balbuciosos do testemunho destas crianças, que não sabem nem podem saber o que dizem nem como dizê-lo. É assim que a Jacinta, depois da primeira visitação da Senhora do Rosário, não pode falar do que viu mas não pode também deixar de dizer: «Que Senhora tão bonita!». É um balbucioso irreprimível.

Francisco e Jacinta assumem a gaguez de um Moisés no Egípto. É sempre testemunho de um excesso. E aqui temos a tarefa de dizer este excesso confiado a quem verdadeiramente não tem os requisitos necessários. Jacinta, Francisco e Lúcia são, como Moisés, gogos diante da sarça. Assim resume Fabrice Hadjadj esta inadequação da testemunha da revelação:

depois do seu combate com o anjo, Jacob ficou coxo para sempre. Assim coxeia a palavra que se aproxima do mistério do ser. É o estupor de Moisés diante da sarça ardente: Perdoame, Mestre, eu não sou homem de palavras, nem de ontem nem de anteontem, muito menos desde que falaste ao teu servo, porque eu sou pesado de boca e pesado de língua (Ex 4, 10). Alguns bons oradores imaginaram que Moisés sofresse de disfasia, que ele fosse gago, tardíloquo ou tartamudo. Mas é precisamente o contrário. A sua falha vem do facto de que a sua palavra deve testemunhar um excesso. Trata-se de uma logopatia sobrenatural, e não doentia: a sua língua é afetada pelo Logos divino. Esta afeção é a prova de que ele não fala por conta própria, que ele é enviado pelo Outro e pelos outros, e que, portanto, ele está sempre sobrecarregado¹.

O Olhar devolve as crianças à sua nova infância, curando nelas qualquer eventual pretensão de se tornarem ídolos, esses que «têm olhos, mas não veem» (Sl 115, 5). Seduzidos por aquele encontro imprevisível, *Jacinta e Francisco existem porque viram* e as suas vidas breves, nada mais serão do que isso apenas: testemunho de um Olhar que os cativou.

José Augusto Mourão recorda-nos, a respeito do testemunho cristão, a bela intuição de Emmanuel Suhard, de que «ser testemunha não implica fazer propaganda, nem mesmo despertar as pessoas, mas ser um mistério vivo. Isto significa viver de tal forma que a nossa vida não teria qualquer sentido se Deus não existisse»².

E acrescenta:

[o] testemunho corre o risco de se diluir em palavra sobre Deus. [...] Testemunhar não se reduz a contar o seu vivido, mas é poder decifrar, na descrição do quotidiano, as intervenções de Deus que tece a história da salvação através de nós. O testemunho ultrapassa de longe os recursos humanos do juízo e da linguagem. Pertence à luz profética que só o Espírito de Jesus pode dar. A finalidade do testemunho é de abrir à palavra plena do testemunho fiel, Jesus que vive na Escriptura e nos sacramentos da fé. O destino da palavra do testemunho depende da qualidade da relação humana que instaura como





condição do nosso acolhimento da Palavra de verdade. [...] Procurar as palavras para bem dizer Deus não é uma questão formal, mas uma questão de respiração. Contudo, o que mais deve visar aquele que testemunha não é a procura da palavra boa – essa é a obsessão do poeta – mas a urgência. Porque nós estamos na urgência³.

E, assim, a amizade íntima destas crianças com Deus vai muito além das fronteiras da sua intimidade, porque transparece nas suas biografias corajosas. Francisco e Jacinta não têm pretensão de compreender o que dizem, nem linhas hermenêuticas que lhes permitam saber de coisas tão *estranhas* quanto o inferno e o coração imaculado e a Rússia e a consagração. São crianças que gaguejam a revelação como testemunhas imprevisíveis. Mas quando Francisco afirma: «Como é Deus! Não se pode dizer! Isto sim, que a gente nunca pode dizer!» está a assumir-se como surpreendente e paradoxal testemunha de Deus, demasiado gago para estar enganado⁴.

Jacinta e Francisco, como as testemunhas íntimas de Deus das narrativas bíblicas, não têm nada a dizer ao mundo senão as palavras do Deus que os visita, a vida do Deus que os visita, para que todos vivam dessa palavra e dessa vida, mesmo se para tal for necessário que a testemunha ofereça a vida em sacrifício⁵.

Tão pouco têm grandes gestos para mostrar. São as suas vidas que falam de reparação, na simplicidade dos dias de crianças-pastores da Serra d'Aire. As suas vidas falam da reparação nos múltiplos sacrifícios *inúteis* que oferecem nos seus dias: dar a merenda às ovelhas, comer bolotas amargas, deixar de beber água quando a sede aperta, ou levar uma corda apertada à cinta. É talvez a insistência nestes sacrifícios *inúteis* que vem a polir a sua vontade para a entrega total de si a Deus pelo bem dos demais. Disso é metáfora a ferida aberta no peito que a Jacinta levava no final da sua vida, ao jeito do Cristo e da sua ferida aberta, da qual jorra sangue e água, a vida toda para bem dos demais.

A reparação – essa atitude que acredita e confia que a liber-

dade pode ser devolvida ao pássaro ou que o pecador pode ganhar vida nova – é, antes de mais, fidelidade a esta amizade. Na verdade, os sacrifícios das testemunhas não obtêm a reparação. Mas o estilo de vida sacrificial testemunha o desejo profundo de viver da intimidade com Deus ao ponto de ser à sua imagem e semelhança. À imagem e semelhança do grande Reparador, portanto. E esse desejo, sim, há de fazer reparação, de formas que não saberíamos dizer.

Talvez assim se compreenda melhor porque são estas crianças surpreendidas, na segunda aparição do Anjo, pela pergunta à queima-roupa: «Que fazeis?» Que é como quem diz: Que fazeis? Não experimentaste vós a misericórdia de Deus quando o contemplaste em adoração? Não compreendeis que esse rosto a rosto, olho nos olhos, transforma o vosso coração? Não compreendeis que sois amados tal qual sois, na vossa fragilidade, na vossa meninice, na vossa inocência, na vossa incerteza sobre o que fazer? E que esse amor vos transforma ao ponto de vos fazer desejar amar do mesmo modo? A amizade com Deus não é um projeto para alcançar um ideal impossível. A santidade como projeto autónomo levaria certamente

à presunção narcisista ou à culpa perpétua. Ser santo é ser de tão completamente abraçado na vida do Espírito Santo que não se está sobrecarregado pela dúvida constante. Ser santificado é ser arrastado para um estilo de vida tão convincente que a nossa preocupação sobre se estamos ou não a fazer o suficiente para Deus se perde. Os santos nunca tentam ser santos; simplesmente acontece como dom do Espírito Santo⁶.

Talvez também assim se compreenda o cuidado que estas crianças oferecem a Deus. Surpreende este paradoxo da oferta de cuidado e consolo ao Deus de todo o cuidado e de todo o consolo. Mas a amizade é relação de cuidado. E como podem estes meninos enamorados de Deus, e que dele

[Fotos_Stella]

aprenderam a levar o amor a sério, não se compadecer do amigo entristecido?

Dr. Pedro Valinho Gomes
Diretor do Departamento para o Acolhimento de Peregrinos

¹ Fabrice Hadjadj, *Comment parler de Dieu aujourd'hui?*, Éditions Salvator, Paris 2012, 202-203.

² Emmanuel C. Suhard, *Essor ou déclin de l'Europe*, Paris 1947, apud José Augusto Mourão, "Os embaraços da língua (e do testemunho) cristão", em Manuel Sumares – Pedro Valinho Gomes – Helena Catalão (org.), *Religiosidade. O seu carácter irreprimível. Perspectivas contemporâneas*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga 2010, 252.

³ José Augusto Mourão, "Os embaraços da língua (e do testemunho) cristão", 254-255.

⁴ É de interesse recordar o que, no mesmo sentido, afirma Fabrice Hadjadj em *Comment parler de Dieu aujourd'hui?*, 204, oferecendo como exemplo imprevisível de testemunha a figura de Bernadette Soubirous, vidente de Lourdes: «Eis [...] uma pequena criança que não possui nenhum talento retórico. Por exemplo Bernadete Soubirous. Ela chega toda ofegante, a voz trémula, a frase entrecortada, para repetir, deformando-a no seu dialeto [...], a palavra que vem de lhe ser confiada pela grande Senhora branca: «Que soy era Immaculada Concepsiou.» Quando escuta estas palavras, o cético abade Peyramale fica abalado. A jovem de catorze anos balbucia demasiado para estar enganada. E como poderia uma tamanha iletrada inventar esta metonímia surpreendente? Bernadette é precisamente o contrário de um orador. É por isso que ela pode ser exemplo de testemunha».

⁵ Veja-se o que diz Paul Ricoeur, a partir do texto de Isaías 43,8-13, sobre o significado de ser testemunha: «Antes de mais, a testemunha não é qualquer um que se chegue à frente e ateste, mas aquele que é enviado para testemunhar. Pela sua origem, a testemunha vem de outro lugar. Depois, a testemunha não testemunha sobre factos, isolados e contingentes, mas sobre o sentido radical, global, da experiência humana; é o



Francisco e Jacinto. Emilia Nadal, 1987

próprio Iahweh quem se atesta no testemunho. Para além disso, o testemunho é orientado para a proclamação, a divulgação, a propagação: é para todos os povos que um povo é testemunha. Finalmente, esta profissão implica um compromisso total não apenas nas palavras, mas nos atos e, no limite, no sacrifício de uma vida. O que afasta este novo sentido do testemunho de todos os seus empregos na linguagem ordinária, é que o testemunho não pertence à testemunha. Ele procede de uma iniciativa absoluta, quanto à sua origem e quanto ao seu conteúdo». Paul Ricoeur, "L'herméneutique du témoignage", *Lectures 3. Aux frontières de la philosophie*, Éditions du Seuil, Paris 1994, 116-117.

⁶ William H. Willimon – Stanley Hauerwas, *The Holy Spirit*

P. Formigão na comunicação social atual

STELLA



Hoje, damos por nós a elaborar, intencionalmente, a experiência de olhar de outra maneira para o dia 14 de abril de 2018. Olhar através das publicações da Comunicação Social nacional, regional e digital, que anunciaram a notícia da publicação das virtudes heroicas, pelo Papa Francisco, em Roma, de Manuel Nunes Formigão Júnior. Foi para nós muito importante a notícia deste dia, porque a aguardávamos com alguma ansiedade e há bastante tempo. O Padre foi Fundador da Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima, da Revista STELLA, Fundador da Associação dos Cruzados de Fátima, em 1926, com o objetivo de ajudar nas Peregrinações a pé e aos doentes, e que no presente, se chamam “Mensageiros de Fátima” e ainda Fundador da Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima, 1.º Corpo de Voluntários, constituído em 1924, antes do reconhecimento oficial das Aparições. A sua espiritualidade está radicada na Mensagem de Fátima e vive para o serviço dos peregrinos, na obediência porque se reconhecem parte de um todo, segundo a intenção do seu Fundador.

É importante, sem dúvida, vê-la retratada na comunicação social de Portugal, mesmo que sejam apenas algumas circunstâncias e alguns troços do caminho do Padre Formigão, ficando para outra ocasião a totalidade que desejávamos ler. Nesta leitura observamos o que é cada um saciar-se provisoriamente, sem procurar a fonte primordial, adiando bater às diferentes portas para se anunciar a diversidade das razões pelas quais o Servo de Deus, Padre Formigão, foi proclamado Venerável pela Igreja Católica.

Creio que a imprensa faz bem quando procura com apreço pelas zonas dos nossos silêncios e faça deles lugar de troca, de diálogo e de encontro. A Arte da escrita é um exercício necessário à verdade total e por isso, vamos tentar aos poucos, de acordo com o espaço disponível na revista, deixar a marca da comunicação social que nos honra com esta importante notícia. Iniciamos pelo Decreto Oficial de Roma, incluindo os companheiros do Padre Formigão que gozam do mesmo privilégio de santidade.



L'OSSERVATORE ROMANO

Observatório Romano 14/04/2018
Pág. 14.

Promulgação de decretos às virtudes heroicas do servo de Deus Emanuel Nunes Formigão, sacerdote diocesano, fundador da congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima; nascido em Tomar (Portugal) a 1 de janeiro de 1883 e falecido em Fátima (Portugal) a 30 de janeiro de 1958.

Sua Santidade, o Papa Francisco I acaba hoje de declarar as virtudes heroicas do Padre Dr. Formigão, filho da abranquina Senhora D. Maria da Piedade Dias. 12 de janeiro de 1856 - Nascimento da Maria da Piedade Mendes Dias, Mãe do Dr. Formigão;
Filha de Manuel Dias e de Rosa Mendes Dias;
27 de janeiro de 1856 - Baptismo de Maria da Piedade Mendes Dias na Igreja de S. João Baptista de Abrantes;
19 de janeiro de 1878 - Casamento de Manuel Nunes Formigão com Maria da Piedade Mendes Dias, pais do Dr. Formigão.



14.04.2018

HOLY SEE PRESS OFFICE
OFICINA DE PRENSA DE LA SANTA SEDE



BUREAU DE PRESSE DU SAINT-SIÈGE
PRESSEAMT DES HEILIGEN STUHL

BOLLETTINO

SALA STAMPA DELLA SANTA SEDE

Decretos da Congregação das causas dos Santos, 14.04.2018

14 de abril de 2018, o Santo Padre Francisco recebeu em audiência o arcebispo cardeal Angelo Amato, S.D.B., prefeito da Congregação para as causas dos Santos. Durante a audiência, o Pontífice autorizou a Congregação a promulgar os decretos:

- as virtudes heroicas do servo de Deus Vieira Payapilly, sacerdote diocesano, fundador da Congregação das irmãs do Destitute; nasceu em Konthuruthy (Índia) em 8 de agosto de 1876 e morreu em Ernakulam (Índia) em 5 de outubro de 1929.

- as virtudes heroicas do servo de Deus Manuel Nunes Formigão, sacerdote diocesano, fundador da Congregação da Reparação, religiosas de Nossa Senhora de Fátima. Nascido em Tomar (Portugal) em 1 de janeiro de 1883 e morreu em 30 de janeiro de 1958 em Fátima (Portugal).

- as virtudes heroicas do servo de Deus Ludovico Longari, professor sacerdote da Congregação dos padres do Santíssimo Sacramento; nasceu em Montodine (Itália) em 20 de junho de 1889 e morreu em Ponteranica (Itália) em 17 de junho de 1963.

- as virtudes heroicas do servo de Deus Elisabeth Bruyere, fundador da Congregação das Irmãs da Caridade de Ottawa; Nascido em L'Assomption (Canadá), em 19 de março de 1818 e morreu em Ottawa (Canadá), em 5 de abril de 1876.

- as virtudes heroicas da serva de Deus Margherita Ricci Curbastro (nascido: Costanza), fundadora da Congregação dos servos do Sagrado Coração de Jesus em Agonia; nasceu em Lugo di Romagna (Itália) em 6 de outubro de 1856 e lá morreu em 7 de janeiro de 1923.

- as virtudes heroicas do servo de Deus Florenza Giovanna Profilio, fundador do Instituto das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição de Lipari; Nascido em Pirrera (Itália), em 30 de dezembro de 1873 e falecida em Madrid (Espanha) a 18 de dezembro de 1958.

Acompanhar e animar a fé no cárcere

ANA RUTE SANTOS

[Foto_Stella]



Proximidade: estado ou particularidade daquilo que se encontra próximo de; vizinhança ou contiguidade.

Quando pensamos em pessoas que são próximas, nos vizinhos, desejamos que sejam pessoas simpáticas, cordiais, que nos querem bem, que sejam corretas, em quem tenhamos a máxima confiança. Quando pensamos em crimes, em prisões, em reclusos, desejamos que nos seja uma realidade distante, fora da nossa esfera familiar, que não afete a nossa vida nem das pessoas que estão por perto.

Então como ser próximo daqueles que ninguém quer próximo?

Jesus ensinou-nos que próximo é aquele que usou de misericórdia para com o homem caído na estrada e pede-nos que façamos o mesmo.

É neste espírito de partilha, de fraternidade e sobretudo de humanidade que a Pastoral Penitenciária exerce a sua missão junto dos que se encontram privados de liberdade.

Sendo a Pastoral Penitenciária a ação da Igreja que pretende levar aos homens e mulheres privados de liberdade, a paz e a serenidade de Cristo ressuscitado, oferecer a quem transgride, um caminho de reabilitação e reinserção positiva na sociedade e fazer todo o possível para prevenir a delinquência, esta caracteriza-se por ser uma pastoral do encontro pessoal, uma pastoral de integração, de comunhão, de esperança, de animação e promoção.

Estas pessoas precisam de alguém que lhes mostre o caminho da reabilitação, que lhes dê esperança ao invés de os condenarem, e que os ajudem a dar

sentido ao tempo decorrido em reclusão, pois a pena nem sempre resolve os danos provocados, não faz ultrapassar a condição do culpado e nem sempre orienta para o fim do bem comum que se pretende construir.

E é de facto esta realidade que nós, os visitantes do grupo “Os Samaritanos”, entendemos como nossa vocação.

A Associação de Visitadores dos Estabelecimentos Prisionais de Leiria, composta por voluntários comprometidos, é uma instituição privada, sem fins lucrativos, que tem por objetivo procurar assistir humanamente e cristãmente, a todos quantos se encontram privados de liberdade.

Existindo desde 1996, a nossa Associação é composta por cerca de 20 elementos de várias idades, procurando: prestar apoio a todos os reclusos, assistindo-lhes moral e materialmente, trabalhando para a sua reintegração na vida social e ampará-los quando libertados; contribuir para a sua evangelização e dos locais onde se encontram ou trabalham; estimular ao cumprimento consciencioso dos seus deveres e despertar neles ideias e sentimentos necessários a um honesto convívio social. A fim de cumprirmos estes objetivos, desenvolvemos com os reclusos diversas atividades, como encontros semanais em grupo e tempo de escuta individual, celebração da Eucaristia e celebração das épocas festivas – Natal e Páscoa – mas também dinamizamos a preparação para os sacramentos, prestamos auxílio no encaminhamento

[Fotos_Internet]

para comunidades terapêuticas e algum apoio na reinserção social aquando da saída do Estabelecimento Prisional.

Pretendemos assim fazer parte de uma Igreja-comunidade que, para além do culto, quer ser uma Igreja samaritana, aberta ao homem de qualquer condição, capaz de parar perante os caídos da sociedade, fazendo-se próximos daqueles que quase ninguém quer próximo.

Muitos dos rapazes que fui conhecendo ao longo destes anos como visitadora nos Estabelecimentos Prisionais de Leiria, contam na primeira pessoa esta história de vida. Famílias desestruturadas, infâncias perdidas tantas vezes domadas e não educadas. Sem ninguém que os cuidasse, cederam à fraqueza, talvez ao facilitismo, mas porque não sabiam fazer as coisas de outra maneira. Acredito que para muitos destes rapazes, o caminho não poderia ir dar a outro lugar senão à prisão. Não por sua inteira culpa mas porque não tiveram, tantas vezes, outra alternativa. Mas isso não os inibe da responsabilidade de assumir os seus erros, e de perceber o mal que causaram, para que possam dar um sentido à sua pena e ao tempo que estão em reclusão.

Pessoalmente, acredito que a capacidade de escuta é uma das maiores virtudes de um visitador, e para os rapazes um meio de se despojarem das coisas menos boas que vivem na reclusão. De partilharem os sentimentos de culpa, ou a injustiça que sentem ou, apenas, a solidão em que se encontram. Nestes momentos mostramos-lhe que apesar



de nem sempre perceberem, é possível o milagre de se sentir amado quando se está desprovido de tudo. Mesmo quando parece que se está sozinho no mundo, esquecido pela família e pelos amigos, é importante que saibam que há Alguém que não se cansa de olhar por eles, e que se alegra com o regresso a casa do filho pródigo. É nesta lógica

de proximidade de um Deus que está sempre presente que queremos que os rapazes se revejam. Que sejam capazes de perceber que há sempre alguém, que se quer fazer próximo deles quando muitos se tentam afastar.

Ana Rute Santos
Visitadora – Os Samaritanos

Ecoss da Peregrinação a Berlim e Polónia

MARIA DO CARMO FRAZÃO

A STELLA, com a Agência Turística Verde Pino programou uma saída ao centro de Europa, durante uma semana. Na génese desta viagem estava implícito a vivência em Peregrinação. Assim aconteceu. Foi uma verdadeira jornada realizada por 24 peregrinos. Peregrinar carece caminhar-se com motivação. Também esta parte não faltou. Animados espiritualmente pelo Rev.^{do} Sr. Padre Augusto Gonçalves rezamos e fizemos da festa da Eucaristia um dos momentos importantes do nosso dia a dia.



Berlim foi a primeira cidade visitada. Berlim é a capital da Alemanha reunificada e está situada no nordeste do país, sendo a maior cidade alemã. A cidade foi devastada por duas grandes guerras e ainda foi dividida durante o regime soviético. Em 1989, com a 'Queda do Muro de Berlim' e a conseqüente reunificação da Alemanha, Berlim ganhou um novo fulgor e é hoje uma testemunha da História do século XX, na Europa. No presente, Berlim é uma cidade fascinante, dominada por acontecimentos culturais – ópera, galerias e museus, festivais de cinema e de teatro – e um dos destinos preferidos pelos próprios alemães.

Ficámos impressionados com a incrível capacidade dos alemães em preservar a história, por pior que tenha sido. Pretendem mostrar às novas gerações a importância de entender o passado, para que os erros não sejam repetidos. O Alemão tem grande preocupação em recordar e marcar os lugares mais emblemáticos. Por exemplo, o bunker onde Hitler se suicidou apenas apresenta uma placa, num local normal de estacionamento, a dizer que foi ali em baixo que aconteceu. Outro exemplo são as partes desaparecidas do 'Muro de Berlim', assinaladas com paralelepípedos rentes ao chão das ruas, que aí continuam a marcar exatamente o lugar onde estava construído, para que as próximas gerações não esqueçam o que ali aconteceu e, ao mesmo tempo, não se vangloriem com o neonazismo, porque é importante

entenderem o mal da história, para nunca mais o repetirem. Não muito longe do Row Temple está a East Side Gallery, localizado na margem do rio Spree, e situa-se o maior troço do muro que ainda se encontra de pé, com todo o simbolismo e lição de história, mas também considerado como 'a maior galeria a céu aberto do mundo' que se pode visitar. Depois de várias fotos para mais tarde recordar, continuámos o nosso passeio e observamos que, oficialmente, a bicicleta é o principal meio de transporte da cidade. No entanto, o grupo deslocou-se sempre de autocarro, apesar dos entraves das muitas obras nas ruas, do muito trânsito automóvel, e dos muitos peões, turistas e outros. O trânsito circula muito ordenado, respeitador das regras e sempre atento ao outro condutor que se aproxima.

Fomos até à famosa Alexander Platz, no meio da qual se ergue a torre de televisão (Fernsehturm) de 365 metros, acabada de construir em 1969. Entre esta praça e a famosa alameda Unter den Linden, encontrámos a catedral de Santa Hedwig, construída no século XVIII e reconstruída em 1963. Passámos pelo famoso Check Point Charlie (controlo fronteiriço entre as zonas americana e russa durante a Guerra Fria). Chegámos assim, à alameda Unter den Linden, palco de inúmeras manifestações durante o poderio nazi, ladeada de monumentais palacetes que durante os 40 anos da R.D.A. albergaram as embaixadas dos países socialistas.

A alameda termina na Porta de Brandemburgo, um dos emblemas de Berlim. Esta porta triunfal, com as suas seis colunas dóricas a suportar a parte superior, no cimo da qual está a quadriga da vitória, tornou-se no pós-guerra, o símbolo da divisão da cidade. Junto à Porta está o Reichstag, o antigo parlamento alemão. Aqui permanecemos algum tempo e escutámos a vasta sabedoria da nossa guia, que nos fez perceber os sentimentos contraditórios vividos naquela praça pelo povo alemão, desde o final do século XIX e até aos anos quarenta do século passado. Berlim tinha sido a grande metrópole europeia, com tanto prestígio como Paris. A 2.^a Grande Guerra fez com que ficasse partida ao meio, e que perdesse parte da sua fama. Agora, com a Alemanha reunificada,

Berlim tornou-se, de novo, a capital da grande Alemanha e o centro da Europa.

O dia de sábado foi longo e já se aproximava do fim, sendo necessário procurar o Hotel que nos esperava para o jantar e descansar. Pelo caminho, a guia mostrou-nos, ainda, um espaço que faz memória a todos os judeus mortos na Europa, um conjunto escultórico de paralelepípedos de vários tamanhos, em betão, que se estende por uma grande superfície e que dá a ideia de um labirinto. É uma espécie de museu interativo. A intenção do artista foi criar um espaço de confusão e de impacto, de modo que quem entre nesse espaço se sinta completamente perdido.

Domingo, bem cedo, o autocarro iniciou a viagem até à cidade de Dresden, capital do estado da Saxónia, no leste da Alemanha, que fica a 240 quilómetros aproximadamente. Iniciámos pela visita panorâmica à famosa e culturalmente rica "Florença do Elba" na qual se destaca o interessante e belo passeio a pé pelas margens deste rio.

O primeiro monumento que visitámos foi a Catedral da Santíssima Trindade, igreja católica romana, onde participámos na Eucaristia dominical. Esta catedral é a sede da diocese de Dresden-Meissen e a igreja paroquial de Dresden.

Dresden faz jus à sua reputação de metrópole cultural. Distingue-se pelos museus de arte célebres, e pela arquitetura clássica da cidade velha que, após a sua destruição, ressuscitou das cinzas, tal como o legendário pássaro Fénix. A igreja Frauenkirche, protestante (Igreja de Nossa Senhora), é um monumento único de arte barroca saxónica e é famoso pela sua grandiosa cúpula, concluída em 1743. Foi reconstruída após a Segunda Guerra Mundial, e mantém o seu brilho antigo. Na noite de 13 de fevereiro de 1945 uma chuva ininterrupta

de bombas, caiu sobre a cidade de Dresden e deixou a cidade num monte de ruínas e escombros. Após a reunificação da Alemanha iniciaram-se os trabalhos de reconstrução metuculosa das fachadas dos edifícios, que ficaram concluídos em 2005, com a mesma traça que tinham antes da derrocada.

Visitámos o imponente edifício neo-renascentista da Ópera Estadual da Saxónia, um dos marcos de Dresden. Passeámos a pé pela cidade para apreciar a Furstenzug que significa "O cortejo dos duques saxões", um magnífico friso de parede exterior, de Messen, que retrata em azulejos de porcelana, a procissão de Príncipes-Eleitores da Casa de Wettin.

De seguida, entrámos num dos edifícios mais famosos de Dresden e do Mundo, o Zwinger, uma bela estrutura barroca, cujo nome significa "intramuros". Encomendado por Augusto, O Forte, foi construído entre 1709-1732. O seu espaçoso pátio foi usado para diversos espetáculos, como salão de festas aberto, com um portão coroado por uma suntuosa cobertura. É rodeado por galerias, nas quais abriga diversas coleções de arte e obras-primas, como a "Madona Sistina" de Rafael.

Deixamos Dresden e fizemos mais 100 quilómetros até Wrocław, perto da fronteira da Polónia, onde o Hotel estava preparado para nos receber.

Continuamos na próxima revista...

M.^o Carmo Frazão
Participante na viagem





Espaço Padre Formigão

Casa do Apóstolo de Fátima



Horário
todos os dias
9:00 - 18:00

Entrada Livre

Casa N.º S.º das Dores - Irmãs
Reparadoras de N.º S.º de Fátima
Rua Francisco Marto, 203
Fátima

marcação de visitas para grupos:
249539240

www.reparadorasfatima.pt



construções

divireis

Avará nº 35593

www.divireis.pt

Av. Beato Nuno, Edif. Sol Nascente, n.º 348 B
Cova da Iria - 2495-401 FÁTIMA
Telf.: 249 531 211 • Fax. 249 538 357 • www.divireis.pt

MUITO MAIS QUE O SIMPLES OLHAR



 **rosa dourado**

FÁTIMA Rua dos Monfortinos 249 530 080
NAZARÉ Rua dos Galeões | Edifício SolMar, loja 3 262 561 689
www.optica-rosadouro.pt



Coelho & Sá, L^{da}

INDÚSTRIA ALIMENTAR

Padaria e confeitaria
conservas de frutos em calda e cristalizados
doces, frutas secas e amêndoas

Rua Jacinta Marto, 78 - R/C - 2495-450 FÁTIMA
Tel. Fáb. 249 532 045 • Fax. 249 531 445
Serv. Com. 249 532 447 • coelhoesa@telepac.pt

COLORFOTO

□ ■ ■ FOTOGRAFIA E VIDEO

 Colorfoto - Fotografia e Video
Morada Praça Paulo VI, n.º. 9 - 2495-409 Fátima
Telefone 249 533 828 E-mail colorfotofatima@sapo.pt



Rua de Santo António
2495-430 Fátima
Tel: 249 530 110 | Fax: 249 530 119
www.hotelstmaria.com | info@hotelstmaria.com


Hotel Santa Maria
FÁTIMA
★★★★

Avenida D. José Alves Correia da Silva
2495-402 Fátima
Tel: 249 530 120 | Fax: 249 530 129
www.hotelsaojose.com | info@hotelsaojose.com

hotel  são José
FÁTIMA
★★★★

A maior Paramentaria da Europa

PARAMENTARIA DE FÁTIMA



Estrada de Leiria - Apartado 70 | 2496-908 Fátima - Portugal | TELEF 249 531 350/1 - FAX 249 531 326 | www.artesacris.com • comercial@artesacris.com

pedo  Jovem
clínica médica e dentária

Diretora Clínica
Dra. Paula Marto



CONSULTAS_ 2ª a Sábado das 09h às 13h e das 14h às 20h

Edifício Três Reis, 14 - 1.º U, Rotunda Sul - Fátima * telf./fax 249 531 275 * telm. 969512482 * email: pedojovem@hotmail.com

“O Reitor do Santuário expressa alegria e regozijo pelo reconhecimento das virtudes heroicas do Fundador da Congregação das Irmãs Reparadoras de N.ª Sr.ª de Fátima: por um lado, revela que o cônego Formigão foi um grande Apóstolo de Fátima, mas, por outro, também mostra o reconhecimento da Igreja pela forma exemplar como viveu e conduziu a sua vida. Este reconhecimento sinaliza, uma vez mais, Fátima como uma escola de santidade.”

P. Carlos Cabecinhas, in ecclesia